



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração — Calçada do Combro, 28-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. teleg. Taubá — Lisboa • Telephone: ?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A Casa dos Trabalhadores

O parlamento tem tratado, nos últimos dias, da defesa da República, e tem essa tona servido de pretexto a muita cousa, ataques ao governo ou discursos vassos, aquela cujo segredo tem o saco de S. Bento. E, posto que se trata da defesa da República com tanto ardor, legítimo é supor que corre perigo o regime, o que realmente uma grande desgraça nacional. Ora a República tem entre si dois inimigos adversários: um é o bolchevismo; outro são os monárquicos. Isto se tem dito, em súmula, no palácio de S. Bento. É preciso, portanto, que a República defendida o escandalizado de famélica com a couraça a política ou tropa lhe fornece.

Trata-se, afinal, dum truc trepidíssimo. A República vai vivendo e continuará a viver, nestes tempos mais próximos, em paz e em moscas. De baixo ninguém lhe nega; acima ninguém lhe vai.

Não temos dizer que os revolucionários monárquicos não tem já força precisa, e que os revolucionários avançados não possuem ainda os elementos necessários.

Os senhores parlamentares sabem isso muito bem e se não fossem interesses de vária ordem aderentes à propalada do boato de que os monárquicos se medem, seriam eles os primeiros a confessar que nebulhos receios os punham quanto à segurança da canguejola. Os monárquicos ainda não reputam bem livres da ilusão rascada em que se meteram.

O grande o choque e tanto não é o tempo decorrido para que o avido viesse tirar todo o relevo factos inúias recentes. De resto, os monárquicos primos diretores dos republicanos, e as dissidentes familiares que os tem traído desavividos a pouco e pouco vão aplacando, ou à cesta de um emprego sumarento, ou de favor prestado oportunamente. A causa monárquica conta apenas com as insuficientes forças dum meia dúzia de cascos, obtusos por educação ou avanço, e conta também com a ignorância crassa da mór parte da população de Portugal. Muitos resignaram já a suportar percula o regime odiado, e odiado porque lhes conserva altas as praias mangedouras orçamentais. Certo, na verdade, que muitos os monárquicos perceberam a impossibilidade de fazer pegar de sita, num terreno absolutamente improprio, aquele regime que a República veiu substituir e condignamente. Daí, o aceitarem as suas tal qual elas são, deixando-se de veleidades combativas que poderiam trazer-lhes dissabores.

Assento-se, portanto, em que os imaginários perigos da República não passam de uma cantata, arranjada adrede para servir fins outros, que não os de salvaguardar o precioso e estimável regime que nos rege desde 1910. A nova, está mesmo na amnistia que temos abrangendo os chefe-principais do monarquismo.

Do que realmente se trata é de coisa inteiramente diferente. E que é necessário manter um pacto que justifique aos olhos dos ingênuos quantas tropelias o governo se lembra de praticar. Uma violência, uma lei de exceção própria a vitimar gregos e troianos, tudo isso passa, tudo isso é aceito, desde que se invoquem os imaginados perigos que põem em risco a República. A pontos que, estando, como estão, os monárquicos metidos na casca, de admirar não será que o governo, para dar um tom de verosimilhança aos seus palavrões, se lembre qualquer dia de encorajar um simulacro, muito parecido, de insurreição monárquica.

**Comício operário em Almada**

A União dos Sindicatos Operários de Almada, promovendo hoje, na Academia Almadiana, um comício público, onde o operário local apreciará o estado em que se encontra a greve dos operários farinheiros daquela localidade. O comício está marcado para as 21 horas.

Alvitrou, ao operariado, o nosso amigo Eduardo Freitas, em carta a que demos publicidade em resumida síntese a construção de um edifício para sede própria da U. O. N., da redação, administração e oficinas da *A Batalha* e de outras instituições criadas, e a criar de futuro, pela central dos sindicatos portugueses; e para a execução do seu alívio propunha o camarada Eduardo Freitas que cada operário contribuisse, mensalmente, com um dia de salário, durante dez meses consecutivos.

Não caiu na indiferença do operariado consciente o alívio de Eduardo Freitas. Já tivemos ocasião de registar com satisfação o entusiasmo com que foi recebida a ideia da criação da Casa dos Trabalhadores, e entre outros gestos já afirmados de inteira disposição de contribuir para tal empreendimento se leva a efeito, conta-a a oferta de cem escudos que, spontaneamente, foi entregue nesta redação por um antigo operário, que pequeno industrial, que assim inauguruou, e muito auspiciosa, a grande subscrição nacional operária destinada a converter em realidade a bela lembrança da aquisição de uma casa nossa.

Como órgão da U. O. N., a *A Batalha* cumpre manifestar o seu pensamento acerca do alívio Eduardo Freitas. Isto vamos fazer.

No assumto em questão há a distinção entre o alívio propriamente, e o processo apresentado pelo alívito para obter os meios pecuniários necessários para a sua realização.

A Casa dos Trabalhadores, ou seja a sede social própria para a organização operária, não é só uma aspiração bonita, encantadora, de conveniências inúmeras. É mais, muito mais do que isso. É uma necessidade absoluta e inadiável.

A U. O. N., com o seu Conselho Jurídico, e a *A Batalha*, com a sua redação, administração e tipografia, ocupam limitadas dependências cedidas pela Federação da Construção Civil, onde não podem tomar maior espaço, visto que este organismo não pode dispor de mais nenhuma sala. Ora sucede que, forçada pelo desenvolvimento adquirido pela organização operária, e pelo seu órgão na imprensa e na impossibilidade de obter da Federação da Construção Civil a cedência de mais dependências da sua sede, viu-se todos os camadas a expôr a sua opinião, a apresentarem o seu alívio.

Aos alívios recebidos dará *A Batalha* publicidade. Tão só pedimos aos alívitos que resumam às palavras estritamente necessárias o seu pensamento. Aquos que se esquecerem deste nosso pedido, prevenimos desde já que verão as suas opiniões reduzidas a dez linhas, o máximo. Ficamos assim entendidos, não é verdade?

Ficam tendo, pois, a palavra os que daqui querem produzir!

**NOTAS & COMENTARIOS**

E' preciso produzir!

E' este o clamor dos interessados e dos patetas, quando de atacar as greves se trata. Mas o brado deve antes endear-se ao patronato, que vota o mais solene desprezo aquele solene imperativo.

Dadas estas dificuldades, a U. O. N. e a *A Batalha* tem-se resignado a remediar o melhor que é possível os inconvenientes da sua deficiente instalação. Estamos, porém, em vespas de um novo congresso nacional operário, para despedazar a organização dos seus operários e manter, em prejuízo de 1.500 mineiros, condições de superexploração, que não tem analogia com as dezenhadas das indústrias congêneres.

As minas estão paradas há mais de três meses e nenhuma, de entre a burguesia, accusa os proprietários de atentarem contra a produção nacional. O governo, tam severo para os grêvistas, nem meta na ordem os lock-outadores, nem faz respeitar a famosa liberdade de trabalho dos operários, nem expõe as minas por utilidade pública, em benefício da produção nacional prejuizada.

Mas, como dizíamos, é um caso entre mil... **Aquela Hayas...**

Uma amostra, recolhida hoje ao acaso, da linguagem em que nos são fornecidas as informações da agência Hayas:

**BONNEVILLE, 22.—** A caravana alpinista quando se dirigia para Aitura próximo de Ramoxens caiu num abismo o sr. Coutaud ex-governador de Argel que ficou gravemente ferido. O resto da caravana, esta sendo procurada por uma expedição enviada para socorrerlos. — H.

Mais português do que isto, — só

compreendendo o estômago de encontro a balsa sobre que assenta a pele, passeia com os braços a concavidade cortante dum cutelo curvo..."

da tabua sobre que assenta a pele, passa-se com os braços a concavidade cortante dum cutelo curvo..."

E porque as outras dependências, as outras fases dos curtumes, são menos limpas, há mais enxurradas, sente-se-menos a ideia de trabalho, de labor digno.

Nalgumas dependências, dentro de celas, com água pelas coxas, os homens vão curtindo, pequenos corpos, calcando e revolvendo-os num prolongado chape, chape.

E' que até naquela gente rasteira existe a hierarquia do assento, embrionário desejo de emancipação, amortecido numa existência miserável, ex-humana.

**EDUARDO FRIAS.**

**VER:**

Na 2.ª página — A Revolução Russa (resposta ao sr. Mayer Garcia).

Lisboa condenada a morrer de sede.

Na 3.ª página — O Calvário.

Na 4.ª página — Noticiário diverso.

## OS FORÇADOS

## OS CURTUMES

### MANUFATURA DE COUROS E PELES

Entre nós, salvo exceção microscópica, a manufatura de couros e peles é uma industria conceiva, vivendo quaisquer dos ingênuos processos da curtimenta de pele da renha e de manha.

O pessoal compõe-se de fatalismo. Visita-lo é receber uma lição de arqueologia obreira.

Não raro os corpos, ao puxar, talvez porque estejam acamados numa quase viscosa aderência, demandam uma certa força, manobrada com cautela...

Pois o fincar de pés, na exigua fachada escorregadia, resvalando-os, é outra forma curiosa de mergulho humano.

Depois é o carregar de peles para outras dependências. Umas saem das caixas de cal e vão para a descabela. Outras, são arreadas do travamento que as suspende, e vão ser batidas a masso, o que elas chamam o enxu goso.



"...em punham croques, e vão puxando os corpos, retirando-os da água."

gente bisônica, arrebatada aos campos, tem aspirações, não tem família. Não fôr aquele recurso de se empilhar num sótão, e sabe o diabo ou as estrelas, onde dormiria.

De modo que não há contrastes dolorosos. O trabalho identifica-a com a solidão do lugar onde dormita. As oficinas seem seu quê de caserna, e muito de estrebaria.

Um cheiro nauseabundo pesa sobre elas, alastrando ainda pelos arredores. No chão escorregadio, de contínuas inundações, águas sujas, fetidas, arrastam doulas dependências pedaços de raspa, com fragmentos de alforeca, a que elas chamam o carnaz.

Couros avariados atiram ao ar sua exalação bafienta. Outros, cobertos de espalhado pelo ambiente uma emanacção de sangue coagulado; são os corpos verdes, a entrar na molha, de preferência à courâma seca, para não se inutilizarem também. Suspensa do travamento que aguenta o teto, pinga escorrências a pelaria vária, prestes a ser batida por pesos massos, e atraincando a passagem, de caminhos sinuosos, entre os fardos, montões variados, num tumulto de enxurrada e estrebaria.

Aqui, montes de cal. Ao pé de uma bomba de tirar água, montões de casca de sobreiro, e a um canto, junto a outros componentes da indústria, uma lâmica seca de escrimento de pombos, tudo provocando um pulejar de ofilatos, que ora lembra criação pôdra, ora tripas húmidas a secar ao sol.

Numa das oficinas, chão de covas fundas, retangular, separadas entre si por estreitos intervalos, para a passagem e manobras dos curtidores. Isto é um conto que a todos os momentos se faz lembrado aqueles que parecem tê-lo esquecido.

Augusto Rosa foi, indiscutivelmente, um mestre da cena portuguesa. Foi mais. Foi, talvez, no nosso tempo, o único que soube com talento formidável empolgar todas as plateias da nossa geração. Todavia, como escritor, esse astro de primeira grandeza nos palcos de Portugal, ficou aquém, mas muito aquém, da meta que o comedianta atingiu com galhardia. Os seus livros de Memórias revelam-no um mau literato, tan mau quanto fôr igualável na sua arte. Nem doutro modo poderia suceder. E' raro, muito raro, que o mesmo indivíduo possua, no mesmo grau, aptidão para trabalhos diferentes, e se Augusto Rosa tivesse nascido bom literato para presente ao diabo o inventor dos rabecões. Isto é um conto que a todos os momentos se faz lembrado aqueles que parecem tê-lo esquecido.

Augusto Rosa foi, indiscutivelmente, um mestre da cena portuguesa. Foi mais. Foi, talvez, no nosso tempo, o único que soube com talento formidável empolgar todas as plateias da nossa geração. Todavia, como escritor, esse astro de primeira grandeza nos palcos de Portugal, ficou aquém, mas muito aquém, da meta que o comedianta atingiu com galhardia. Os seus livros de Memórias revelam-no um mau literato, tan mau quanto fôr igualável na sua arte. Nem doutro modo poderia suceder. E' raro, muito raro, que o mesmo indivíduo possua, no mesmo grau, aptidão para trabalhos diferentes, e se Augusto Rosa tivesse nascido bom literato para presente ao diabo o inventor dos rabecões. Isto é um conto que a todos os momentos se faz lembrado aqueles que parecem tê-lo esquecido.

Entre os soldados e operários

Roma, 22. — Produziu-se um incidente no dia 15 de Agosto nas cercanias de Tarento, próximo do acampamento das tropas francesas que vêm para o oriente, sem maior consequência.

Reduziu-se a uma disputa entre os trabalhadores italianos. Os soldados franceses dispararam havendo um operário e dois soldados feridos. — H.

**As greves na Alta Silesia**

Duas minas inundadas e outra, duas correndo o mesmo perigo

VARSOVIA, 21. — As greves na Alta Silesia foram desastrosas; há já duas minas inundadas e outras duas estão ameaçadas de mesmo perigo.

## NOTAS E IMPRESSÕES

## Algo de teatro

Assombra-se a gente de que o teatro português esteja na decadência, e não se evita de lamentar nas brochuras do primeiro conhecido com que tropeça ao voltar da esquina, após a prosaica mania do cumprimento.

— Que miseria... o teatro... Home, nem me fale nisso... Este nem me fale nisso, é, contra tudo o que se devia prever, o inicio de uma cavalaria que dura pelo menos, três horas.

Verifica-se, ao cabo da conversa, que esta coisa de bastidores foi chão que deu uvas, e que não tarda meia diaz de anos que os teatros não funcionem de dia e de noite, de verão como, de inverno, com companhias de revista. Quem tenha um pouco de bom senso o vê e todos se conscientam de que é necessário tentar não se sabe o quê, visto que falta a candela que alumia. Mas não se faz nada. O teatro tem uma vida aparente.

A sua existência é tam artificial como os seus almoços de papelão, cuidadosamente arrumados em qualquer prateleira da contra-regra, ou como a morte cínico no 3.º acto. A gente assombra-se de que, com tanto coiteiro com vontade de enterrar estupidamente, ele ainda viva, como se assombra ainda mais de que haja quem pretenda dar-nos a ilusão de que tudo caminha pelo melhor.

Eu adoro, como uma arte bela e perfeita, a arte de representar. E' vendo que ela entre nós já não vale dois caracos, que me admira o facto de a estas horas estarem gerando os prelos como só dizer-se, de que inofensivo propósito de dar à estampa, lá para Novembro, quando o vento é de mangão e a maré começa a encher, nada menos de quatro livros sobre a arte dramática. Dois de comediantes — naturalmente «Memórias» — e outros dois de escritores de teatro. Não falam dama nova edição das «Memórias duma actriz», de Mercedes Blasco.

Ora, o desenvolvimento teatral insitano não vale cinco reis, quanto mais cinco livros que, valendo naturalmente pouco, sempre hão de ir além da deserta moeda. E', por isso, que os autores ilustrados se arrestando, e atraem os leitores, e que os menos saberão dizer. Sim, esses livros que conterão, no fim de contas? Histórias, anedotas e nada mais — tretas. Coisa substancial, de interesse para a arte de Molére, cujos continuadores, pelo menos em Portugal, a estão acabando lentamente, nida os actores virão adiantar. Esta invasão das atribuições dos outros, esta salada em que nos encontramos metidos, tanto em assuntos de arte, como de ciência, de filosofia, de política, de tudo, provém exclusivamente dos sapateiros que querem, à fina força, tocar o seu robe.

Estas criaturas melódicas fazem lembrar uma quadrilha dançada por experientes e novatos. Aquelas hão de ser, fatalmente, impedidos de acabar a dança pelos fiascos contínuos dos que não percebem da regedoria e que são encontrados sempre no lado oposto àqueles que deviam ocupar. Fazem que andam, mas nem sequer deixam andar os outros.

Eu bem sei, porém, donde parte esta onda de escritos. A carestia da vida... os fatos: 80 escudos e as palhetas a 18... O bacalhau a quatinho, as batatas a doze vintens... Eu sei... eu sei... E' preciso lançar mão de tudo inclusivamente dum nome





